

I seminário nacional

hISTÓRIA e
PaTRIMÔNIO
CULTURAL

GT ANPUH Brasil

ANAIS DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

**A História e o campo do patrimônio:
desafios e perspectivas**

3 a 7 de outubro de 2016 | Porto Alegre - RS

I seminário nacional

hISTÓRIA e
PaTRIMÔNIO
CULTURAL

GT ANPUH Brasil

Porto Alegre, 3 a 7 de outubro de 2016

Anais dos simpósios temáticos

**A História e o campo do patrimônio:
desafios e perspectivas**

Evento organizado por

**GT Nacional História e Patrimônio Cultural/ANPUH BRASIL
e Curso de Museologia/UFRGS**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**

Porto Alegre, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Rui Vicente Oppermann
Vice-Reitor

Viviane Carrion Castanho
Diretora da Biblioteca Central

Organização

Zita Rosane Possamai e Fernanda Albuquerque

Diagramação

Clara Eloisa Ungaretti

Projeto Gráfico

Vanessa Vellozo

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA

S47198 a Seminário Nacional História e Patrimônio Cultural (1. : 2016 out. 3-7 : Porto Alegre, RS)

Anais dos simpósios temáticos... / Organizado por GT Nacional História e Patrimônio Cultural ANPUH Brasil e Curso de Museologia da UFRGS; organização: Zita Rosane Possamai e Fernanda Albuquerque – Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2017.
p. 817

ISBN 978-85-9489-044-3

1. Patrimônio cultural - Eventos. 2. História - Eventos I. Possamai, Zita Rosane (Org.). II. Albuquerque, Fernanda. (Org.). III. Título.

CDU: 930.85

MUSEU DAS ILHAS, PORTO ALEGRE, RS: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE UM MUSEU COMUNITÁRIO A PARTIR DA AÇÃO ACADÊMICA DO CURSO DE MUSEOLOGIA/UFRGS

Ana Maria Dalla Zen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

azen@ufrgs.br

Lilian Santos da Silva Fontanari

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

lilian.ms.rs@gmail.com

RESUMO

Este trabalho discute o processo de criação do Museu das Ilhas, criado a partir do interesse dos moradores da Ilha da Pintada, Porto Alegre, em parceria com o curso de Museologia da UFRGS, com o objetivo de musealizar as memórias, narrativas e histórias que compõem o seu patrimônio cultural, tangível e intangível. Teoricamente, fundamenta-se nos princípios da Nova Museologia, Museologia Social e museus comunitários, utilizada a metodologia da história oral para coleta de depoimentos, sob a forma de grupos focais e rodas de memória e da análise documental, para reconstituição de dados históricos. Analisa o processo de implantação do Museu, iniciado em 2012 e inaugurado em 2016, sob a forma de um museu virtual, um museu de rua e exposições itinerantes de curta duração. Como resultado, destaca crescente processo de empoderamento popular, decorrente do planejamento participativo, que contribuiu para a união da comunidade, responsável pelo planejamento, gestão e avaliação das ações realizadas, o que paulatinamente reduz a necessidade da presença da Universidade. Revela a contribuição da experiência para os alunos numa ação de extensão universitária que contribui para o alargamento das ações de ensino em sala de aula e de pesquisa acadêmica tradicional. Sugere alternativas para a inclusão das ilhas do Pavão, das Flores e Ilha Grande dos Marinheiros na ação do Museu das Ilhas, como estratégia para reduzir a invisibilidade do patrimônio cultural ilhéu em relação à história da cidade de Porto Alegre.

Palavras-chave: Museologia Social. Museus comunitários.
Patrimônio cultural.

1. INTRODUÇÃO

Pelas janelas do coletivo ou do automóvel, ao seguir em direção à ponte do Guaíba, é possível verificar como a distância que afasta as Ilhas do Guaíba do centro da cidade de Porto Alegre é pequena, se comparada ao desconhecimento dos moradores da cidade em relação a elas. Além dos moradores do bairro Arquipélago, que as reúne, poucas pessoas as conhecem. A brisa do vento fica mais fresca, a paisagem do centro urbano cede lugar a uma extensa bacia de águas castanhas, e o ritmo frenético da cidade, desacelera. Nas curvas do Lago Guaíba, há dezesseis ilhas, sendo quatro habitadas por mais de oito mil pessoas¹. Aos poucos, se chega a esse território especial, composto por uma linda paisagem verde, alagadiça, berço de aves, cuja riqueza de biodiversidade exigiu sua transformação em área de preservação ambiental, o *Parque Estadual do Delta do Jacuí*.

No interior das Ilhas pulsam vidas, ecoam vozes. Gritos, ou sussurros, de pessoas que clamam por atenção, numa comunidade que apresenta os piores índices de desenvolvimento humano de Porto Alegre. Carência de serviços básicos, falta de saneamento, poucas escolas e postos de saúde, violência, drogadição, falta de segurança. Ausências de serviços públicos permanentes e cotidianas, cujas soluções se convertem em promessas de campanhas políticas, logo esquecidas. Mesmo assim, as Ilhas se constituem num burburinho efervescente, em que famílias, casas humildes, quintais, ruas, se transformam em espaços de sociabilidade, em que se revelam memórias, anseios, dramas, experiências e sonhos daqueles que ali conseguem (sobre) viver. É um arquipélago onde a esperança se faz na luta cotidiana, nas associações comunitárias de catadores, de artesãs, de moradores, que acreditam na solidariedade como estratégia para tornar mais exequível a concretização dos seus sonhos, em sua maioria muito pequenos e simples, meros direitos de cidadania.

Quando Porto Alegre foi fundada, em 1772, por casais vindos do Arquipélago dos Açores, alguns deles se fixaram na Ilha da Pintada, trazendo consigo a sua cultura, que se amalgamou de tal forma que, até hoje, é apontada pelos seus moradores como a base de sua formação. Dessa influência, permanecem a pesca artesanal, a construção de barcos de madeira, a culinária, as danças, a religiosidade, as lendas e tradições, que se mantém vivas.

¹ Maiores informações sobre as ilhas disponível em: http://iproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/populacao_por_bairros_nova_tabela_ibge_2010_ok.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2016.

A herança indígena e negra, embora não tão reconhecida e valorizada, faz parte desse amálgama que criou um patrimônio intercultural, mestiço e complexo nas Ilhas.

A pesca artesanal, que, até a década de 1970, era a atividade econômica mais importante da comunidade, entrou em declínio, em função das transformações urbanas da cidade, do aquecimento das águas e da concorrência da indústria pesqueira. Como resultado, instalou-se uma série crise econômica, que levou as famílias a procurarem alternativas para sobrevivência. Nesse contexto, um grupo de mulheres, na década de 1990, identificou na prática do artesanato com escamas de peixe uma dessas estratégias, recuperando tradição que remonta ao século XVIII no Arquipélago dos Açores, mas que não foi trazida para o País. Assim, o primeiro passo foi aprender a técnica, e, para isso, foi contratado um professor vindo de Portugal especialmente para isso. Em 1998, finalmente surgiu Associação de Artesãos da Ilha da Pintada e Bairro Arquipélago (ART'ESCAMA). Desde então, esse grupo se constitui um empreendimento reconhecido de economia criativa e solidária, que produz biojóias e peças de decoração a partir da escama e couro de peixe, que são vendidas no País e exterior. Então, com a autoestima elevada pelo sucesso da iniciativa, por conseguirem transformar resíduos da pesca em oportunidade de renda e melhora de vida, com forte reflexo ambiental, decidiram que chegara o momento de pesquisar, documentar e divulgar a sua trajetória, através da criação de um ponto de memória. E, para isso, no ano de 2012, buscaram a parceria do curso de Museologia da UFRGS, dando início ao planejamento do que viria a se tornar, em 2016, o Museu das Ilhas.

As seções que seguem, portanto, analisam o processo de constituição do Museu das Ilhas, a partir da musealização das memórias, narrativas e histórias que compõem o patrimônio cultural tangível e intangível das ilhas povoadas do Lago Guaíba, em Porto Alegre, RS.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS & PERCURSO METODOLÓGICO

Desde as conversas em torno da proposta de criação do Museu, ficou claro o interesse das artesãs em criar um lugar de memória em que, tendo como referência a preocupação ambiental e de preservação do território, a comunidade tivesse espaço para registrar suas histórias de vida, suas crenças, saberes e fazeres e, enfim, se constituísse num ambiente de recuperação e reforço de

suas memórias e identidades. Assim concebido, o Museu se tornaria num instrumento de reconhecimento, de mudança e inclusão social, que permitiria reduzir a invisibilidade das Ilhas.

É uma proposta que se constitui dentro do contexto epistemológico lançado pela Nova Museologia, movimento consolidado pelas Declarações de Santiago do Chile, em 1972 (DECLARAÇÃO..., 2010), e de Caracas, em 1992 (CADERNOS...2014, doc. eletrônico) que, entre outras coisas, consideram fundamental a inserção do museu numa relação de três eixos: território, patrimônio e comunidade, entende território como área museográfica. Indo além, os documentos definem patrimônio como o conjunto das expressões materiais, imateriais e espirituais da cultura de uma comunidade (PRIMO, 1999). Nesse sentido, o território das Ilhas, representa o espaço adequado para a constituição de um museu, pelo interesse das pessoas no reconhecimento de sua história, saberes e fazeres, o que, em síntese, representa o seu patrimônio. Trata-se, portanto, de um museu comunitário, tipologia nascida em decorrência da Museologia Social. Portanto, o Museu das Ilhas, cuja missão é “Valorizar o patrimônio cultural material e imaterial das Ilhas do Delta do Jacuí e bairro Picada, Eldorado do Sul, transformando o território num atrativo de ecoturismo que possibilite a geração de renda em atividades sustentáveis”², nasceu como um museu comunitário. Essa tipologia se justifica, de acordo com Moutinho (1993) e Varine (2012), no seu interesse em promover o desenvolvimento e mudança social, a articulação entre território, patrimônio e comunidade, a ampliação do conceito de patrimônio cultural material e imaterial, a gestão comunitária, e, ainda, a utilização das tecnologias digitais como ferramentas de gestão social.

3. PRIMEIRAS OPÇÕES E RESULTADOS PARCIAIS

Qual seria o ponto de partida? Como se desencadearia o processo de criação do Museu no contexto das Ilhas? O primeiro passo foi a realização do inventário do patrimônio cultural do território, sob a forma de uma pesquisa-ação (BRANDÃO, 1992), em que, num processo livre e aberto, o percurso investigativo foi se estruturando aos poucos, sem seguir um projeto pré-determinado. Utilizada a metodologia da história oral, os dados foram obtidos

2 O Museu Virtual, que reúne a documentação e atividades do Museu das Ilhas, está disponível em: http://museudailhadapintada.org/?page_id=27. Acesso em julho de 2016.

em conversas informais com moradores, roteiros guiados para reconhecimento do território, rodas de memória e grupos focais. Desse modo, foi reunida expressiva coleção de tradições, lendas, artesanato, manifestações religiosas, saberes e fazeres, pontos de memória histórica, edificações e instituições, dentre outros, posteriormente interpretada através de pesquisa histórica e análise documental de jornais, fotografias, revistas e arquivos. Nesse percurso, se constituiu, de modo espontâneo, um grupo interdisciplinar, que se responsabilizou pelas primeiras atividades hoje transformado em sócio-fundadores³.

Assim iniciado, o processo de criação do Museu das Ilhas, se revelou como uma estratégia para que o curso de Museologia da UFRGS assumisse o papel de protagonista no processo de mudança social, na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos (1996), para quem a configuração do mundo hoje, com suas dicotomias, os paradoxos entre incluídos e excluídos da sociedade, exige que os processos de produção, disseminação e aplicação de conhecimentos sejam atualizados e adequados para fazer frente aos novos problemas sociais. Como insiste o autor, a universidade não pode se afastar, ficar surda diante dos clamores sociais e, para isso, se faz necessária uma nova forma de racionalidade, que faça com que a produção e difusão do conhecimento, resultantes do ensino e da pesquisa acadêmicas, mudem seus focos e substituam a tradicional ênfase em conteúdos e métodos por uma maior preocupação com as considerações de caráter ético e social que permitam a constituição de um novo senso comum. E, nesse sentido, a extensão universitária é a forma de operacionalizar essa troca de rumo, ao permitir que as pessoas construam alternativas para que possam, de forma autônoma, atuar no desvendamento do mundo e na reconfiguração de suas vidas, de modo mais apropriado ao século XXI, a saber:

Compete à universidade criar as condições para que a comunidade científica possa refletir nos pesados custos sociais que o seu enriquecimento pessoal e científico acarretou para as comunidades sociais bem mais amplas. A primeira condição consiste em promover o reconhecimento de outras formas de saber e o confronto comunicativo entre elas.

³ Entre os moradores, surgiu aos poucos um movimento espontâneo de coleta de objetos, fotografias e outros documentos de memória para a constituição do acervo do Museu, que, desde então, colabora sistematicamente na documentação do patrimônio ilhéu.

A universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre saberes. A hegemonia da universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona (SANTOS, 1996, p. 224).

Em decorrência, as reflexões aqui reunidas se constituem em tentativas de ressignificar conteúdos e aplicar teorias na produção de um novo tipo de conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, complexa e solidária. Em termos práticos, o primeiro passo foi a definição de um espaço físico, nas dependências do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Madrugada Campeira, em espaço cedido mediante comodato, composto por uma sala expositiva, um atelier e espaço de venda de artesanato da Art'Escama.

Na figura 1 abaixo, pode ser observado o painel da exposição sobre o imaginário da Ilha da Pintada, relativo às histórias de assombrações e fantasmas, recorrentes nas narrativas dos moradores. Ambas até hoje circulam por diferentes municípios do Estado do Rio Grande do Sul, sob coordenação e salvaguarda do Instituto Português de Cultura e Museu Açoriano de Porto Alegre.



Figura 1 - Painel da exposição *O Imaginário da Ilha da Pintada*
Fonte: acervo do Programa (2009)

Enquanto instituição fundada dentro do movimento da Nova Museologia e na dimensão de um museu comunitário, em 2013 foi iniciado o Programa de *Educação para o Patrimônio* nas duas escolas da Ilha da Pintada⁴, com o objetivo de sensibilizar o olhar dos

⁴ Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria José Mabilde e Escola Estadual de Ensino Médio Almirante Barroso.

jovens para a apropriação e valorização do patrimônio cultural local. Como primeira ação dentro dele, foi realizada uma oficina de fotografia, (figura 2), técnica muito popular entre os alunos, utilizadas apenas câmeras fotográficas de celulares. Dela resultou a mostra intitulada *Registrando um cenário urbano: meu patrimônio, meu lugar, minha ilha*, onde foram expostos os trabalhos produzidos pelos alunos, acompanhados de debates em torno das obras, o que permitiu que, além de elegerem pessoalmente seus pontos de interesse no território, cada um defendesse suas escolhas como elementos do patrimônio cultural e histórico da Ilha.



Figura 2 - Oficina de Educação para o Patrimônio
Fonte: acervo do Programa (2013)

A segunda oficina intitulada *Revelando Jovens Fotógrafos, Ilha da Pintada*, em maio de 2014, na Escola Almirante Barroso, teve um formato diferenciado da anterior. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a fotografia em seu aspecto mais técnico (Figura 3). Nessa oficina, os alunos também foram convidados a pensar no patrimônio urbano, articulando-o com o meio ambiente e aos valores patrimoniais. As obras dos alunos participantes permanecem expostas até hoje nos muros da escola, o que permite permanentes diálogos em torno do tema da relação entre as pessoas e o território.



Figura 3 - Oficina Revelando Jovens Fotógrafos
Fonte: acervo do Programa (2013)

A atividades de ação educativa realizadas permitiram o incremento na formação dos graduandos em Museologia, e também a compreensão de que o trabalho com o patrimônio cultural envolve um processo de educação, que vai desde o (re) conhecimento da história local e cultural, até a problematização de questões relativas às demandas sociais das comunidades. Nesse sentido, a Nova Museologia e o conceito de museus comunitários colaboram bastante, uma vez que permitem compreender como a ação educativa pode se converter num elemento que fortalece o reconhecimento e reflexões em torno do patrimônio local. E, dessa forma, pode colaborar diretamente para incentivar a apropriação das pessoas em relação ao seu território, experiências e histórias de vida, transformada em narrativas musealizadas.

Em 2013, foi constituído o Museu Virtual, cuja página inicial aparece na Figura 4, abaixo, rede social em que estão registradas as ações realizadas, como um espaço de diálogo, que tem permitido a divulgação das propostas e sua permanente avaliação pelos seguidores, que, transformados em visitantes virtuais, emitem suas reflexões em torno do percurso, e possibilitam a sua permanente atualização e, quando necessário, reformulações. A sua criação, em termos teóricos, vincula-se às características de um museu comunitário que, segundo Moutinho (1993), utiliza-se das tecnologias de informação e comunicação como estratégias de sua divulgação e ampliação de seu raio de ação, deixando de ser local para se constituir num ambiente visitado à distância.

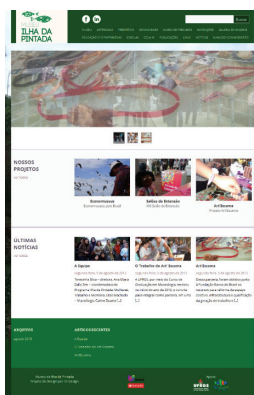


Figura 4 - Página inicial do Museu Virtual
Fonte: disponível em: museudailhadapintada.org
Acesso em julho 2016

As rodas de memória, por sua vez, que se constituem em encontros para que as pessoas apresentem suas narrativas em torno de um tema específico, sob a forma de grupos focais, se tornaram uma forma bastante popular de coleta de dados. Até o momento, foram realizados três encontros, sendo o primeiro para refletir sobre os problemas da presença negra na Ilha da Pintada⁵, onde poucas famílias afrodescendentes se fixaram, sendo relatados casos repetidos de preconceito racial. A segunda roda se fixou na história do Estaleiro Mabilde⁶, empresa que foi responsável em grande parte pela urbanização da Ilha da Pintada. E, finalmente, a última, refere-se à história das artesãs que trabalham com escamas de peixe, desde a introdução da técnica, em 1998, até a presente data. Tratam-se de encontros carregados de emoção, pois reúnem pessoas que se constituem em líderes comunitários, muitos deles com idade mais avançada, que rememoram vivências ocorridas no passado, que, ao lado de pessoas mais jovens, tornam os diálogos em espaços de reflexão e memória, vinculando suas narrativas à realidade da Ilha da Pintada hoje.



Figura 5
Imagens das rodas de memória sobre a presença negra e Estaleiro Mabilde
Fonte: imagens do arquivo do Museu das Ilhas (2013)

Finalmente, no ano de 2016 foi implantado o Museu de Rua, composto por vinte e cinco painéis que deu origem à rota histórico-cultural da Ilha da Pintada, e concretizou a ideia de recuperação das raízes e tradições açorianas, indígenas e afrodescendentes. Assim, o Museu das Ilhas, conforme Varine (2012), se constitui numa estra-

5 O documentário editado da roda está disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=OmJv8cF74rg>

6 O documentário editado da roda está disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=EfYIJwJMS5U>

tégia para o reforço das identidades, reconhecimento social, melhoria da qualidade de vida e da relação com o meio ambiente, e, ao mesmo tempo, apresenta-se como um espaço destinado ao desenvolvimento local, ao reunir as pessoas e o território ilhéu como patrimônio da Ilha da Pintada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter participado do processo de criação do Museu das Ilhas, instituição de tipologia de museu comunitário, que reúne o patrimônio cultural das Ilhas do Delta do Jacuí, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, se constituiu, para o curso de Museologia da UFRGS, como uma estratégia que revela a possibilidade de que o ensino e a pesquisa acadêmica, através de um programa de extensão universitária, possam colaborar, se realizados de forma complexa, integrada e interdisciplinar, para a geração de um novo tipo de conhecimento, mais pertinente às características e exigências do século XXI, produzido através da integração entre conhecimentos acadêmicos e saberes populares. O texto procurou transparecer que o campo da Museologia pode ser eficiente agente de mudança e inclusão social, ao contribuir para transformar os museus em lugares onde as pessoas possam se encontrar, falar de suas histórias de vida, compartilhar sentimentos e buscar alternativas para a solução de seus problemas. As narrativas das memórias e a participação num plano de gestão comunitário, solidário e democrático, faz com que as pessoas iluminem e se sintam sujeitos de suas próprias vidas, com poder de reescreverem suas existências e se lancem em busca da concretização de seus sonhos.

Por outro lado, a parceria e entrelaçamento, entre universidade e comunidade, aqui relatados, se constituem em espaço próprio para avaliação de currículos, práticas e linhas de pesquisa acadêmica. Rodas de memória, museus de rua, ações de educação para o patrimônio, rotas de turismo, entre outros, se mostraram mecanismos eficientes e eficazes para reduzir a invisibilidade das ilhas do Delta do Jacuí, e revelaram a riqueza de seu patrimônio cultural. Os resultados permitiram também um crescente processo de empoderamento pessoal e de reconhecimento comunitário, que se deseja ser irreversível, permanente e contínuo, consubstanciado através de exposições itinerantes, blog, documentários, bem como pela inserção no currículo das escolas públicas do bairro

Arquipélago. São estratégias acadêmicas de apoio à inclusão social de grupos populares, mas com laços tênues, que exigem um programa permanente e sistemático de avaliação dessas ações comunitárias, pensadas, executadas e avaliadas pela própria comunidade, em conexão direta com a universidade, mas não só pela universidade. Elas revelam ser viável integrar o ensino da sala de aula com a ação da comunidade, concretizada através de reflexões teóricas e metodológicas sobre um processo de mudança e desenvolvimento social, na perspectiva da Museologia Social. É importante destacar que há um limite a ser ultrapassado, que é a impossibilidade de executar as ações no tempo desejado pelos moradores, nem de ouvir um número maior de vozes, lugares e eventos indicados como referências da cultura local. E, como todo museu é uma narrativa, implica num discurso que dá visibilidade a determinados grupos e aspectos em detrimento de outros. O Museu das Ilhas, assim como qualquer outro museu comunitário, não tem condições de abordar a diversidade desse patrimônio.

Assim, se conclui que a experiência se constitui no ponto de partida para uma reflexão mais profunda em torno das metodologias, objetivos e estratégias da Museologia Social postos em prática através da extensão universitária. E é exemplo que a universidade brasileira está cumprindo o compromisso com a sociedade que a mantém, através de parcerias que tornam possível a conexão entre os diferentes saberes no registro, pesquisa e divulgação da complexa diversidade que caracteriza o patrimônio cultural do País.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. Petrópolis: Vozes, 1992.

CADERNOS de Sociomuseologia. Declaração de Caracas/ICOM. 1992 Lisboa, Universidade Lusófona, v.15, n.15(1999). Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>, acesso em fevereiro 2014.

DECLARAÇÃO de Santiago do Chile. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). Trad. Maria Cristina Oliveira Bruno e Marcelo Mattos Araújo. **O ICOM Brasil e o pensamento museológico brasileiro**: documentos selecionados. Vol.2. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo; Secretaria do Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010 [1972]. p.43-51.

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**. V.1, n.1, 1993. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em julho de 2016.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**. n. 16, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em julho de 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.